

LE PIETRE DI PANTALICA DE VINCENZO CONSOLO

*Maria Betânia Amoroso**

Resumo: *Le Pietre di Pantalica* de Vincenzo Consolo foi interpretado como uma reflexão literária sobre a origem e condição da cultura e da existência humana, comum a escritores que têm a Sicília como esse espaço original.

Palavras-chave: Sicília e escritores, literatura e origem, "sicilianidade".

1 – Vincenzo Consolo é um escritor contemporâneo italiano com diversos livros publicados, sendo *Il sorriso dell'ignoto marinaio* (1976) sua obra mais conhecida e celebrada pela crítica. Mas já em 1963, Consolo publicou *La ferita d'aprile* e mais recentemente, em 1992, *Nottetempo, casa per casa*. Enquanto em *Il sorriso dell'ignoto marinaio* o resultado estilístico-literário é excelente, a obra dos anos 80, *Le pietre di Pantalica*, pode ser lida também como um encontro entre autores sicilianos: Pirandello, Verga, Lampedusa, Sciascia, Buttitta, Capuana, por exemplo, e seria interessante se tentar traçar uma espécie de linha mestra perseguida pelos escritores sicilianos (ou, sabe-se lá, perseguidora dos mesmos).

Estão todos presentes neste livro de contos, que é também uma única história, a mesma que aparece em forma de epígrafe a um deles, uma citação de Sciascia: "Todos os meus livros, na verdade, são um só. Um livro sobre a Sicília que toca nos pontos dolentes do passado e do presente e que se articula enquanto história de uma contínua derrota da razão"

Se a primeira parte da citação poderia ter sido dita por qualquer outro escritor – se está sempre reescrevendo a mesma história – a segunda parte, "a contínua derrota da razão", é muito siciliana. A impressão, ao terminar a leitura do livro, é que há um eterno mistério a ser desvendado nessa terra que

* Professora de Língua Italiana no Centro de Ensino de Línguas da UNICAMP.

já foi tocada pelos deuses e talvez justamente por isso deixa tantas incógnitas aos mortais. Ao escrever mais um livro sobre a Sicília, Consolo está tentando mais uma vez desvendar o mistério.

A Sicília como a história da derrota da razão não é vista apenas pelo ângulo do siciliano iluminista, racionalista, o filho culto que põe seus sentidos para trabalhar na compreensão do que parece incompreensível: em quase todos os contos há a figura do louco. Mas a loucura é ao mesmo tempo o limite do real e a possibilidade de revelação de uma outra realidade e, nesse sentido, o louco, o sonhador, o escritor não se diferenciam muito entre si: "[...] sonho ou fábula pouca diferença faz. Não é sonho tudo o que se conta, se inventa ou se declara pela voz, por escrito ou em outro modo, sobre um acontecimento de ontem, de hoje ou de amanhã, sobre um acontecimento possível ou fantástico? É sempre sonho a empresa do narrar, afastar-se da verdadeira vida e viver uma outra. Sonho ou talvez loucura, já que é próprio da loucura a vida que se separa e que continua ao lado, como sombra, espectro, ilusão da outra que chamamos de a real. Ou de morte?"

Por estar empenhado em desvendar um mistério – que é o mistério das origens – e em contar a história da Sicília, as personagens que Consolo vai criando são necessariamente vozes muito diversas entre si, falam línguas diferentes. Consolo abre o livro com Frate Agrippino, um louco. Já no início da leitura sabe-se da existência deste frade que, por suas tendências masoquistas – sua oração predileta é a *Oração do suicida* que o leva ao êxtase e também quase à morte, por recitá-la ao mesmo tempo que vai apertando o cordão do hábito ao redor do pescoço –, estivera internado como doente mental, mas o conto é justamente a volta do frade para a Sicília, para sua cidade de origem. Frate Agrippino se contrapõe, enquanto personagem a uma outra, presente em diversos contos: um escritor, identificado como tal, porém sem nome.

No conto simpaticamente denominado "Le Chesterfield", o confronto razão/loucura é o tema central. Nas primeiras linhas, o narrador inicia a descrição física de um homem e o põe na condição de um explorador melancólico do "espetáculo da vida naquelas primeiras horas da manhã" Por ser muito cedo, na praça da cidadezinha, as ruas e ruelas estão cheias de trabalhadores, entre eles os "zolfatari", os que trabalham com o enxofre. No terceiro parágrafo, a personagem pára diante de uma vitrine de livraria e aí então ficamos sabendo que é um escritor, que tem um livro publicado e está levando os originais de um outro para o seu editor. E o narrador continua: "O homem deu as costas para a vitrine e acendeu um Chesterfield, cigarro que fumava desde a chegada das tropas americanas na Sicília. Como Montale o Giubeck desde os tempos da guerra da África." Com muita habilidade,

Consolo vai assim nos aproximando das suas pistas de sondagem: temos uma cidade pequena da Sicília, um escritor da província que vai viajar em direção a um centro maior para levar seu novo livro, e a idéia de *centro* e de *maior*, e portanto seus contrários também, são reforçados pela idéia dos cigarros: "como Montale" Mas é no parágrafo seguinte que se chega ao coração do conto. Em uma concisão magistral de imagens que se interpõem e dão uma visão múltipla dos diversos planos de percepção envolvidos, Consolo associa a fumaça intensa e densa do Chesterfield, cigarro forte, à presença de uma espécie de insuficiência da razão, zona de risco onde vive todo aquele que se dispõe a compreender a realidade da Sicília. E aqui o drama das origens aparece na forma do dilema do escritor que permanece entre os vapores do enxofre e que se compara ao outro escritor, ele também siciliano, ele também impregnado na infância pelos vapores. O outro escritor é "o escritor maior de Girgenti, em cujos sofismas, em cujos fantasmas ainda hoje se enredava".

São portanto Pirandello, na sua especificidade de escritor siciliano, e Montale, como o escritor italiano, os dois parâmetros iniciais nessa reflexão literária sobre o que é escrever sobre a Sicília. Logo em seguida vemos novamente aparecer, correndo pelas mesmas ruínas do início do conto, apressado e confuso, Frate Agrippino. Ambos vão tomar o mesmo ônibus e o escritor dispõe-se a acompanhá-lo. O diálogo construído por Consolo entre as duas personagens introduz, mais uma vez, outro famoso escritor siciliano e tão interessante quanto é a parte que cabe, no diálogo, a Frate Agrippino. Em um típico diálogo de viajantes, o frade pergunta ao escritor se ele também vai para Mazzarino. Depois conta que é de Mineo ao que o escritor acrescenta: "Terra de Capuana" Retruca o frade: "Eh, Capuana. Não era um bom cristão...". O escritor se diverte, sorri e o incita a continuar, mas à medida que o frade vai dando voz a sua loucura, que é pessoal, mas tão símile a de tantos outros naquela terra, o escritor confirma aquela derrota descrita na citação de Sciascia (que é a epígrafe deste conto).

A pergunta que surge nesse ponto da leitura é o que é que enlouquece os crédulos e o que é que desanima os racionais?

Existe, entretanto, uma segunda constante, não de todos os escritores sicilianos, mas com certeza de Consolo, neste livro. Se poderia, em um primeiro momento, associá-la à configuração geográfica da Sicília: trata-se de uma ilha e sabe-se que os "isolani" reagem de maneira diversa dos continentais, no que diz respeito à locomoção. A ilha os isola. Mas há uma busca sem fim nesse livro. Há um contínuo movimentar-se. Na primeira parte do livro, intitulada *Teatro*, há um movimento temporal. Se está quase sempre em Mazzarino ou ao seu redor, mas são os anos que voam. Mazzarino que é bombardeada, Mazzarino que recebe os americanos, Mazzarino e os velhos

poderosos, Ratumemi e as revoltas sangrentas dos camponeses contra os latifundiários. Essa primeira metade da primeira parte é o pano de fundo de um cenário histórico, é uma narrativa que se pretende histórica, mas que lança mão dos vários registros para contá-la (não se pode esquecer que parecem existir poucas ilusões, entre os sicilianos, quanto ao "falar a verdade"). A segunda parte do Teatro são textos extraídos de diversas fontes como almanaques, guias, tratados, de sabor antigo. A variação das fontes é acompanhada pela diversidade na língua: Consolo usa um italiano literário, poetizando-o e misturando-o ao siciliano.

Mas se poderia dizer que há também, no livro, uma viagem ao fim do mundo que se confunde com o começo do mundo. A quantidade de nomes de cidades, ruas, praças; o deslocamento constante das personagens configura a busca de algum lugar que não se sabe qual. Lembra Medéia no filme de Pasolini, representada por Maria Callas que, em tempos de dessacralização, sai literalmente à caça do centro físico do mundo.

Mas há também os que não se movem. A segunda parte do livro é intitulada *Pessoas*. Os contos são sobre "pessoas" – Consolo lhes dá nomes e é possível ao leitor identificar personagem e pessoa – que não se afastam da ilha. Duas delas são poetas; a terceira é um homem que roda pela Sicília toda, sua vida inteira, atrás de objetos carregados de memória viva. Ignazio Buttitta, poeta, é uma delas. Consolo se constrói na figura do narrador – é chamado pela família de Buttitta "Vicé", apelido de Vincenzo, em italiano; há uma epígrafe com versos do poeta. É uma reunião familiar no último dia do ano. Estão presentes filhos, filhas, netos, todos vindos de "fora" da ilha e todos, inclusive o narrador, discutem sobre a inviabilidade, para cada um deles, por diversas raízes, de permanecer em um lugar. Menos Buttitta. O poeta é o contraponto. Não fala de assuntos; esbanja vitalidade e se oferece, o conto todo, para ler suas poesias. Responde com poesia e vitalidade a todos. Os movimentos de Buttitta são de outra espécie: faz exercícios físicos, escreve dedicatórias calorosas e distribui seu livro aos amigos que o vêm visitar, e quando viaja olha, observa tudo, colhe plantas, respira profundamente o ar fresco. Mas há algo de teatral na construção dessa personagem: Consolo o constrói e o deixa se mexer no fundo da cena, um pouco marionete, lírico e doce, destacado do mundo onde se dá a representação.

A outra personagem-pessoa que não deixa a ilha é o barão Piccolo. Lucio Piccolo é um poeta siciliano que se tornou conhecido inicialmente pelo seu livro de poemas *Canti barocchi*, que recebeu um prefácio elogioso de Montale e concorreu ao Premio San Pellegrino, na década de 50. Piccolo é também primo de Tomasi di Lampedusa e foi na sua casa, em Capo d'Orlando, que Lampedusa escreveu boa parte de *Il Gattopardo*. Mas se Buttitta é a

imagem da força da terra, da vitalidade, de *Piccolo Consolo* diz reconhecer que seu aristocratismo era a poesia. *Piccolo*, que vivia isolado em uma grande casa com o irmão – de quem *Montale* teria dito, em francês, que era um homem que tinha lido todos os livros –, é para *Consolo*, e para nós leitores, a imagem de uma Sicília lírica, aristocrática (ainda distante da decadente e desiludida de *Lampedusa*) que se contrapõe violentamente à outra Sicília, que constituirá a terceira parte do livro. *Buttitta*, *Piccolo* e a terceira personagem, o recolhedor de memórias, *Uccello*, são extremamente líricos, construídos com o amor de quem conheceu e conviveu com tais personagens, mas que, ao contrário deles, não reconhecia mais a Sicília como o seu lugar.

No final do conto – que é a história do encontro de *Consolo* e *Piccolo* –, o narrador decide partir para Milão porque, para ele, na Sicília estava tudo acabado, sem esperança; em Milão parecia-lhe que uma nova história estivesse para começar, que tudo se movia.

Com essa decisão do narrador, passamos para a terceira parte do livro: *Eventos*. O primeiro conto é o que dá título ao livro: *Le pietre di Pantalica*.

O narrador está assistindo à encenação de uma tragédia, em um teatro grego, em Siracusa. O texto da tragédia fora traduzido por ele (e por um especialista em grego da universidade) e, já no início da narrativa, nos diz que experimentava uma sensação de retorno, de volta: volta ao grego dos tempos de escola, "volta à terra natal, à cultura de origem, à origem da cultura" Mas ficamos sabendo também, através deste relato que é o mais próximo de algo jornalístico, que não gosta muito daquela tragédia que havia traduzido, mas gosta menos ainda de outra tradução que é a de transportar a tragédia para aquela Siracusa que ele voltava a ver depois de quase trinta anos. E se inicia assim um deslocamento do narrador pelo espaço, um transferir-se de uma cidade siciliana a outra, procurando reencontrar marcas de um tempo original. A Siracusa que vê é definida como "destruição e esqualidez". Nada encontra daquela cidade clássica, como a define, dos anos 50, semelhante à Atenas de *Alberto Savinio*. Foge de Siracusa e vai para Pantalica.

O fato da cidade dar título ao livro cria uma expectativa, uma curiosidade que não são, em um primeiro momento, satisfeitas. São três parágrafos sobre Pantalica e já se parte para Comiso. Comiso é o símbolo da destruição maior, moderna, com os mísseis apontados para o então inimigo e a certeza do narrador de que desta destruição não sobrá nada: "Mulher, filho ou amigo; lembrança ou memória; livro ou palavra" "Palermo fede, infectada" Estamos em Palermo em plena euforia de copa do mundo. O que o narrador-*Consolo* entretanto vê é Palermo como "uma Beirute destruída por uma guerra que dura mais de quarenta anos, a guerra do poder dos mafiosos contra

os pobres, os deserdados da cidade". Parte, provavelmente, para Milão. Volta a Palermo na época do assassinato do general Della Chiesa e sua mulher, pela máfia. De carro, anda por toda a cidade até alcançar a auto-estrada e se dirige para Caltanissetta. Atinge o "centro da ilha", o rio Salso, o "rio infernal" pelo acúmulo de enxofre. A última cidade nomeada é Mazzarino, a mesma onde se passa toda a primeira parte do livro. "Corro com impaciência em direção a Riesi e Mazzarino" Chove muito e Consolo descreve, com extrema poeticidade, o que acontecerá àquela terra dura, extenuada depois de quatro meses de seca: voltará a produzir frutos, terá flores, os campos ficarão verdes. Estas águas são como a "forzatura", uma técnica empregada durante o verão nos limoeiros, forçando-os a amadurecer fora do tempo e das condições naturais. Aqui termina a viagem do narrador-Consolo, com um fechamento que amplia o sentido da metáfora. Diz ele: "Mas o que não é *forzatura*, o que não é violentação nesta ilha? O que não chega ao limite da vida, da loucura? Tudo o que não se desfaz, que não se desagrega, que não morre é... fruto áspero, desnatural, rico de humor e de perfume; é dolorosa sabedoria, desesperada inteligência" E termina com Pirandello: "Vai assim amadurecendo, alma minha, ainda acerba, disse Mattia Pascal".

Encerra-se a viagem. O último conto do livro intitula-se *Comiso*, e ali se fala de destruição nuclear e de protestos pacifistas de jovens de Mazzarino.

2 – São dois os pontos centrais desta leitura: a história da Sicília como uma contínua derrota da razão daqueles que resolvem descrevê-la e a procura de uma explicação das origens como forma de contornar o primeiro dilema.

Neste momento é útil retornar ao título do livro. *Pantalica* é uma famosa necrópole, com tumbas escavadas nas rochas, zona arqueológica que circundou uma enorme área com sedimentos da idade do bronze (séculos XV a XVII antes de Cristo). No livro, *Pantalica* passaria quase despercebida, se não fosse parte do título. Mas Consolo também, na sua viagem pela Sicília, passa rapidamente pela necrópole.

Pantalica é a origem mais remota, assim como Mazzarino é a cidade de origem, fim aparente da viagem, mas ambas acabam não sendo nada mais do que um início, de uma cultura, de uma vida, mas não a solução do mistério das origens.

Há um conto do livro, já filmado na Itália – *Filosofiana* – que é uma divertida reflexão sobre a origem, no caso, da cultura. Um dos camponeses saído das lutas contra os latifundiários, sem terra e sem esperanças, descobre com sua enxada uma tumba, um sítio arqueológico. Imediatamente começa a sonhar com uma mudança de condição de vida, mas para isso já ouvira falar da necessidade de se encontrar um intermediário para os ritos e magias

necessários para se dar o encantamento. Vai atrás de Don Gregorio, ex-semi-narista, que sabe grego e latim, homem muito respeitado na cidade pelos seus conhecimentos. Don Gregorio, porém, é uma daqueles lunáticos e passa sua vida tentando arrumar provas para a sua tese: a Grécia não existiu. É uma invenção dos ingleses e dos alemães, "esses protestantes", como diz Don Gregorio no conto. Nada de Atenas, Termópolis, Tróia, Salamina. Tudo se deu na Sicília. A grande prova, porém, ainda não encontrada, é a tumba de Ésquilo que teria sido enterrado perto de Gela. No meio da noite partem Don Gregorio e o camponês cujo nome é – ironicamente, como se verá – Parlagreco. O ritual é instalado, com passagens cômicas, e Don Gregorio acredita ter ouvido um verso recitado em grego, devidamente traduzido em nota de rodapé para o italiano pelo escritor e com sua autoria identificada: Ésquilo. Mas Don Gregorio não tem testemunhas, Parlagreco não entende grego e o que se acha ali, naquela tumba, não prova nada.

Com muito humor e com muita sensibilidade para uma história de magias, magos, bruxarias existente na Sicília, Consolo, neste conto, quase caricaturiza a condição do escritor siciliano, sua própria busca das origens, tanto pessoais como culturais. A explicação buscada na cultura originária, na viagem através do tempo e do espaço, parece não vir de lugar algum. Talvez seja este o ponto de encontro dos escritores sicilianos, muito bem descrito por Leonardo Sciascia em seu livro *Pirandello e la Sicilia*.

A convivência com os deuses dos antepassados, com uma mitologia que não deixa dúvidas quanto a hierarquias, faz do escritor siciliano um eterno Prometeu, insatisfeito com suas limitações humanas, com as respostas que não encontra. O que conclui Sciascia ao falar de Pirandello? A "sicilianidade" pode ser vista como expressão do drama existencial moderno. Embora se saiba que as origens são uma ilusão, quanto não se sofre por causa dessa ilusão. Nesse sentido, a Sicília poderia ser uma espécie de *aleph* borgiano, o lugar que reúne todos os lugares, onde todos os pontos de vista podem ser vistos ao mesmo tempo. Para Consolo, Sciascia, Pirandello – e também para os irmãos Taviani no filme sobre a Sicília, extraído de contos de Pirandello, *Caos* – é possível ter a Sicília como pura ancestralidade, terra do humano.

Abstract: *Le pietre di Pantalica* by Vincenzo Consolo is seen as a literary reflection on the origin and the actual state of culture and of human life. Consolo shares this kind of reflection with other writers who regard Sicily as their original space.

Key-words: Sicily and writers, literature and origins, *sicilianity*.